

3 1761 07149818 2

Seabra d'Albuquerque, Antonio
Maria

As armas do senhor d.
Affonso Henriques e a jornada
d'Africa

DP
614
S4





AS ARMAS

DO SENHOR

D. AFFONSO HENRIQUES

E A JORNADA D'AFRICA

APONTAMENTOS HISTORICOS

POR

A. M. Seabra d'Albuquerque

Cavalleiro das ordens de Christo e de Isabel a catholica de Hespanha,
socio correspondente da secção de archeologia
do Instituto de Coimbra
e das sociedades de geographia de Lisboa e Porto,
socio correspondente
de varias sociedades scientificas e litterarias estrangeiras



COIMBRA

IMPrensa INDEPENDENCIA

Rua dos Coutinhos, 14

1886

AO SEU ILLUSTRADO AMIGO

O EX.^{mo} SR.

Dr. Luiz Figueiredo da Guerra

O. E D.

Antonio Maria Seabra d'Albuquerque.

DP
614
S4

As armas do Senhor D. Affonso Henriques e a Jornada d'Africa

E partes . . . levas a espada,
Levas o escudo real,
Essa espada tão fallada,
Por mouros tão receada,
De D. Affonso immortal !
Se a deixas envergonhada,
Ai de ti ! de Portugal !

J. DE LEMOS, (*O Cancioneiro*).

I

Aos 13 dias do mez de outubro de 1570 veio a Coimbra o Sr. D. Sebastião: os padres de Sancta Cruz, que estavam no costume de hospedar as pessoas reaes, mandaram-lhe offerecer o mosteiro, que não acceitou, e se dirigiu ao Paço Episcopal: ali foi mui bem agasalhado pelo Bispo que então regia a egreja de Coimbra, D. Fr. João Soares.

Dias depois El-Rei mostrou desejos de visitar o mosteiro de Sancta Cruz, mas como particular: acompanhado d'alguns fidalgos seguiu caminho do mosteiro, e, por duas vezes que alli foi, não se lhe abriram as portas ⁽¹⁾.

Vendo Martim Gonçalves da Camara que aforrado não podia entrar o monarcha em Sancta Cruz, porque os padres lhe não

abriam as portas, resolveu que pública fosse a sua entrada; que D. Nicolau de Santa Maria relata do modo seguinte:

«Avisou o Cardeal Infante D. Henrique ao Prior geral, que logo mandou armar e preparar a Igreja; e revestido em Pontifical, acompanhado do Convento de seus Conegos, foi receber a El-Rey á porta da mesma Igreja, aonde estava o primeiro estrado, em que Sua Magestade posto de joelhos beijou a Reliquia do S. Lenho, que o dito Prior tinha nas mãos. E logo o Cantor mór levantou o cantico do *Benedictus*, que o Convento foi cantando a córos com grande suavidade em canto de órgão, e assim foi levado El-Rey em procissão até á Capella mór, aonde o P. Prior geral disse para Sua Magestade as Orações costumadas, com que se deu fim ao solemne recebimento.

«Quiz logo El-Rey ir vêr o Mosteiro, e começou pelas Sepulturas dos primeiros Reis d'este Reyno (²), e com o chapeo na mão tomou o hysope da mão do Prior geral, e lhe lançou agoa benta; e mostrando-lhe o mesmo Prior geral a espada do glorioso Rey D. Affonso Henriques, a tomou na mão e a beijou com muita reverencia, dizendo para os Senhores e Fidalgos que o acompanhavam: *Bom tempo, em que se peleijava com espadas tão curtas! Esta he a*

espada que libertou Portugal do cruel jugo dos mouros sempre vencedora, e por isso digna de se guardar com toda a veneração; e dando-a outra vez ao Prior geral lhe disse: Guardae Padre, esta espada, porque ainda me hei de valer d'ella contra os mouros de Africa (3). »

D. Duarte de Menezes, capitão de Tanger, faz-se de vela com cinco navios; e ao romper da alva do anno de 1577 bate ás portas de Arzilla; o alcaide Abdelcherim, filho de Bentuda, lhe abre as portas sem resistencia doze annos depois da sua completa derrota pelo antigo governador de Tanger, Lourenço Pires de Tavora (4). Este feliz acontecimento e o conselho dos lisongeiros fizeram com que o Senhor D. Sebastião emprehendesse jornada tão arriscada.

Não descançavam os máus conselheiros; elles procuravam todo o meio para poderem legitimar a sua lisonja, como vamos provar.

Começou de apparecer um grande cometa, que fez a sua derrota em tres mezes, e que, segundo dizem os historiadores, *tinha de comprimento quasi tres lanças, e de largo um covado*: credulo sempre o povo por uma tal apparição, horrorisou-se, porque via n'este signal do céu novas calamidades para a nação portugueza; todavia os que procuravam agradar a El-Rei diziam-lhe:—*Senhor, nada*

vos dê cuidado, porque cometa quer dizer que Vossa Alteza cometta os mouros que os ha de vencer.

Taes eram as palavras que obrigaram o joven monarcha a caminhar para Africa, e a não escutar o vencedor de Diu, D. João Mascarenhas, que levantado no seu escabello, n'essa ultima reunião do conselho, em Cintra, bem alto lhe dizia:—*Senhor, o dever de leal vassallo me impõe a obrigação de repetir o que tantas vezes hei dicto para salvação do reino: Vós ides perder-vos, senhor* (°).

II

Lembrado pois o Senhor D. Sebastião do que tinha dito em Coimbra, oito annos antes, escreven ao P. Prior geral, D. Pedro da Assumpção, uma carta em que lhe pedia a espada e escudo do sancto rei D. Affonso Henriques; porque convencido estava, que, com taes armas Deus lhe havia de dar victoria dos seus inimigos; a carta é como se segue:

«—Padre Geral E Convento do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, Eu El-Rey Vos envio muito sandar, Eu me tenho Pubricado em aver de fazer por my cõ a aJuda de nosso Senhor hũa empresa em Africa por muytas E muy grandes Razões, muy

Importantes ao bem de meus Reynos, E de toda espanha de que também Resulta bennefficio á xpādadi o q̃ me pareceo escrever-vos assy pera encomendardes a nosso Senhor o bom successo desta empresa, que por seu serviço faço, como pera Vos dizer que desejo Levar nella a Espada E Escudo daquelle grande E Valloroso Primeiro Rey deste Reyno, Dom Afonso Anrriques, cuja sepultura esta nesse mosteiro porque espero em nossosenhora que cō Estas Armas me dê as vistoryas que ElRey Dom Afonso cō Ellas teve: Pello que Vos encomendo muyto que loguo mas mandeys; por dous Relligiosos desse Convento q̃ pera Isso Ellegereis. E como eu embora tornar as tornarey a Enviar a Esse mosteyro, pera as terdes na Veneração E guarda que hé devido a cuJas forão, E por tudo. E por aqui entenderéis que as não quero senão Emprestadas pera o effecto a que Vou, E de quam grande Contentamento isto hé pera my. Scripta em Lxboa A 14 de Março de 1578 Rey (6).»

Aos 24 de março foi lida esta carta em capitulo; e assentaram que tudo se fizesse como El-Rei pedia. «O P. Prior, diz o Chronista, *mandou logo limpar a espada do glorioso Rei D. Affonso Henriques, e fazer-lhe hũa bainha de veludo, com sua ponteira de prata dourada, e hũa caixa preta em que fosse metida com sua chave e fechadura dou-*

rada, e outra caixa preta em que fosse o escudo do mesmo santo Rey, pera irem estas armas com mais resguardo, e veneração, e as mandou pelo Vigario do mesmo mosteiro de S. Cruz D. Jeronymo, Varão de grande auctoridade, e de boa presença, que as entregou a El-Rei (7).»

III

24 de junho de 1578 é o dia destinado para a jornada de Africa; a margem do Tejo offerecia um brilhante quadro: alli se viam os velhos guerreiros do Oriente, debaixo do commando do alferes-mór do reino, D. Luiz de Menezes: a flor da nobreza, tão esperançosa, debaixo do commando de Alvaro Pires de Tavora: gente recrutada, dirigida pelos coroneis D. Miguel de Noronha, Diogo Lopes de Sequeira, Francisco de Tavora e Vasco de Sequeira: italianos governados pelo Marquez Thomaz Steruvile: tudescos, pelo coronel Martim de Borgonha; e castelhanos, por D. Alonso de Aguiar. Dezesete mil homens aguardam o signal para a partida.

«Lá vae... lá solta ao vento as brancas vellas
«A portugueza frota; o Tejo ahi fica
«Viuvo para semprel...

Para semprel... que quarenta e um dias depois, 4 de agosto de 1578, as margens

do Lucos sepultavam em seu seio a corôa
e a antiga gloria portugueza!... ⁽⁸⁾ aquella
corôa

«Tão pejada de louros! Lá resvala,
«Da fronte do mancebo, que não sabe,
«Que não póde sustel-a!... Era o diadema
«Por Affonso ganhado, em mal de mouros
«Na campina de Ourique! Inda era o mesmo
«Do primeiro João, em mal de Hespanha
«Era o mesmo de quem tremia o mundo
«E o fero Adamastor vinha rojar-se
«Diante de elle outr'ora á voz do Gamal
«Ficou lá enterrado... O reil... Quem sabe?... ⁽⁹⁾

IV

Esquecidas ficaram na armada as duas
caixas com a espada e escudo do sancto rei
D. Affonso Henriques, pedidas com tanto
entusiasmo pelo joven monarcha aos pa-
dres de Sancta Cruz: *não permittiu Deus*, diz
o chronista, *que armas sempre vencedoras,*
fossem vencidas dos mouros; e na mesma ar-
mada voltaram a Lisboa. O cardeal D. Hen-
rique recebeu as duas caixas, e mandou que
fossem entregues em S. Vicente de Fóra.
Estava n'este convento o padre D. Francis-
co das Neves, conego de Sancta Cruz; a este
virtuoso padre foram entregues as caixas
com as armas, para serem depositadas em
Sancta Cruz ⁽¹⁰⁾.

V

Mas que festas são estas em Santarem!... que alegria e contentamento em todo o seu povo! . . . Porque, a tão negro e pesado luto succedeu tamanha gala!? . . . É porque dentro dos seus muros está aquella vencedora espada, que, ha 559 annos, brillára pela primeira vez no alto das suas muralhas ⁽¹¹⁾.

Sabedor o prior da nobre villa de Santarem, que tinha chegado D. Francisco das Neves, e que este virtuoso varão era portador de tão rico thesouro, como a espada e escudo do valoroso D. Affonso Henriques, fez juntar no templo nobres e plebeus, subiu ao pulpito, e mostrando a todos aquellas victoriosas armas, que tinham sido o terror dos mouros, exclamou: «*Eis aqui nobres moradores de Santarem a espada e o escudo com que esta nossa terra foi livre dos mouros, pelo glorioso e invicto Rei D. Affonso Henriques; Alegrae-vos todos com as vêr e venerar, e de novo dêmos graças a Deus por tão grande beneficio.*»

Desceu do pulpito o virtuoso pastor e deu a beijar a todo o povo a vencedora espada ⁽¹²⁾, que ficou depositada no templo durante aquelle dia.

Voltou a Coimbra, e no Sanctuario de Sancta Cruz se conservou até 1834, em

que, pela extincção das Ordens religiosas, passou para o museu do Porto onde está.

VI

É fóra de toda a duvida que as armas de D. Affonso Henriques não voltaram de Africa; nem é crível que esquecessem ao Senhor D. Sebastião na armada, as armas em que elle depositava tanta confiança. Acreditamos que as caixas foram entregues ao bom do Cardeal, e que, este, sem as abrir, as mandou para S. Vicente de Fóra, e foi alli que foram forjadas as que passaram a Santarem e depois a Coimbra.

O illustrado redactor do *Antiquario Conimbricense*, mui habil investigador do que é antigo, examinando o livro dos assentos e resoluções do mosteiro de Sancta Cruz, *actas dos capitulos do anno de 1574 a 1601* apenas encontrou o capitulo de 24 de março de 1578, em que se leu a carta em que se pediam as armas, e a sahida d'estas para Lisboa; todavia a acta da sua entrada no mosteiro não existe em todo o livro: e não é crível que este historico acontecimento passasse desaperebido. Temos todos os dados para acreditar, com o illustre redactor que as verdadeiras armas não voltaram.

Só no museu do Porto se acha a espada; porque o escudo ha muito que não exis-

tia no mosteiro de Sancta Cruz, ignorando-se como e quando desapareceu: sem dúvida, *como elle costumava cair da escapula na morte dos nossos reis*, como diz o ingenuo chronista, ficou esquecido lá por algum canto, como envergonhado de occupar o lugar, que de direito pertencia ao verdadeiro escudo.

NOTAS

(1) Havendo falta d'aguas na cidade, o Senhor D. Sebastião, por conselho do seu valido Martim Gonçalves da Camara, mandou tomar as fontes ao mosteiro de Sancta Cruz; e pelo conselho do mesmo valido se não agasalhou El-Rei no mosteiro, de que resultou os padres não lhe abrirem as portas, como particular.

D. Nicolau de S. Maria, *Chr. dos con. reg.*, part. 2.^a, liv. x, pag. 353.

(2) As sepulturas dos primeiros reis eram no Claustro: reedificada a Igreja, o Senhor D. Manuel mandou fazer duas sumptuosas sepulturas no meio da capella mór, ficando da parte do Evangelho D. Affonso Henriques, e da parte da Epistola D. Sancho I. Foram trasladados no dia 25 de outubro de 1515, por ser este o dia em que o primeiro rei tomou Lisboa aos mouros, em 1147. Assistiu o Senhor D. Manuel e toda a corte.

Isto escreve o chronista dos conegos regentes, porém no manuscrito que deixou D. Timotheo dos Martyres, copiado d'uma memoria de João Homem, caval-

leiro fidalgo da casa do sr. D. Manuel, que com elle se achou presente, e viu tudo com seus olhos, diz que a trasladação se fizera no dia 16 de julho de 1520.

Vêja-se a memoria:—*Os tumulos de D. Affonso Henriques e de D. Sancho I*—pelo nosso amigo Simões de Castro.

O corpo do senhor D. Affonso Henriques, conservava-se ainda inteiro conforme o testemunho de Sá de Miranda, que ao fallar de Coimbra, sua patria, assim escreve:

«Cidade rica do sancto
Corpo do seu Rey primeiro,
Qu'inda vimos com espanto
Ha tão pouco, todo inteiro
Dos annos que podem tanto.»

Sá de Miranda, *Carta 3.^a, est. 7.^a*

(³) A espada de D. Affonso Henriques era larga e curta, de cinco palmos: o escudo, de pau de figueira, forrado de couro de boi cru oleado, e pintado, tendo de comprimento cinco palmos e meio, e de largo, no mais largo, tres palmos. O campo era pintado de branco, e no meio uma cruz azul, pontentêa.

D. Nicolau de S. Maria, *Chr. dos con. reg.*, liv. xi, cap. 32. — Brand. *Mon. Lusit.*, liv. x, cap. 7. — Faria, *Epit. 3.^o*, cap. i. — Sr. Gusmão, *Inst. de Coimbra*, vol. v, pag. 174.

(⁴) Fr. Manuel dos Sanctos, na sua historia sebastica, diz «*que as memorias não declaram o dia em que se effectuou a entrega d'esta praça.*» cap. xxvi, pag. 337.

(⁵) D. João de Castro, *Disc. da vida de D. Sebastião*.

(⁶) O Secretario Geral, A. J. V. Sancta Rita, pôde por seu zelo e diligencia obter e restituir ao archivo dos conventos esta carta, que se tinha extraviado; e mandou depois tirar d'ella e lithographar um perfeito *fac-simile* para remetter o seu original á Torre do Tombo. *Antiq. Conimb.*, n.^o 1, pag. 3.

(⁷) D. Nicolau de S. Maria, *Chr. dos con. reg.*, part. ii, liv. x, pag. 113.

(⁸) Heironimo de Mendonça, *Jornada d'Africa*.

(⁹) Ainda nos não podemos convencer que o senhor D. Sebastião ficasse em Africa; se não merecesse todo o

credito o testemunho do insigne D. João de Castro, que nos seus *Discursos da vida de D. Sebastião*, cap. 24, paginas 126, diz:—*testimunho certifico ser o verdadeiro Rei D. Sebastião nosso Senhor; assim como Deus he Deus—*(fallava do prezo, que compareceu perante o *Duque de Medyna-Sydonia*, e que alguns segredos de gabinete lhe revelou passados entre D. Sebastião e elle Duque), tinhamos o testemunho d'um distincto litterato, que tendo examinado tudo quanto se escreveu sobre tal objecto, remata os seus bem elaborados artigos do seguinte modo:—*Acreditamos que D. Sebastião, rei de Portugal, não morreu no dia 4 de Agosto de 1578 nos campos de Alcacer kibir: cremos tambem que foi elle o homem que mendigou pela Italia, que soffreu dois annos de rigorosa prizão em Veneza, que foi expulso do seu territorio pela senhoria, vendido em Florença por um Judas portuguez* (Fr. Chrysostomo da Visitação, monge de Cyster), *arrastado ignominiosamente pelas ruas de Napoles, amarrado ás bancadas dos remadores nas galés da Sicília, encerrado cautelosamente no castello de S. Lucar, conduzido depois ao interior de Castellu, e... morto não sabemos como.* Rev. Univ. Lisb., tom. III e IV.

La Cled na sua historia assim escreve:

«Bem é verdade que ninguem verificou ter visto morrer na batalha El-Rei D. Sebastião, nem depois, concerta o tornaram a ver.

E quatro annos passados, depois da batalha, o Xarife mandou a Lisboa um corpo *que dizia ser de D. Sebastião*.

Conduzido ao convento de Belem ali jáz. Porem o mesmo epitaphio aberto sobre a sua lapida, mostra a incerteza, que todos tiveram com aquelle recebimento, o qual diz assim:

Conditur hoc tumulo, si vera est fama, Sebastus,
Quem tulit in Lybicus mors properata plagis.
Nec dicas falli Regem qui vivere credit,
Pro lege extincto mors quasi vita fuit.»

(¹⁰) Faria e Sousa, *Epit.*, pag. 293.

(¹¹) Santarem foi tomada por D. Affonso Henriques aos 7 de Maio de 1147. D. Mendo Moniz foi o primeiro que subiu á muralha; e a este cavalleiro se deve toda a gloria d'este dia.

Leão, *Chr. de D. Affonso Henriques*, pag. 110.

(¹²) D. Nicolau de S. Maria, *Chr. dos con. regr.*, liv. x, pag. 361.





DP

614

DP

614

S 4

STITUTE 'R' CARD

R. B. A.

/

KET

RY

UTL AT DOWNSVIEW



D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 11 15 08 09 002 4